

Hitler

Joachim Fest

vol. 1

1889-1933

❧ Coleção Nova Fronteira ❧
História Mundial



Minha Mocidade, Winston S. Churchill
Memórias da Segunda Guerra Mundial, Winston S. Churchill
Hitler, Joachim C. Fest
Stalin, Dmitri Volkogonov
Churchill, Roy Jenkins
Roosevelt, Roy Jenkins
Roosevelt e Hopkins, Robert Sherwood
Tempos Muito Estranhos, Doris Kearns Goodwin
Don Quixote Americano, Richard Powell
Nápoles, 1944, Norman Lewis
Paz em Paris, 1919, Margaret MacMillan
Grandes Homens do Meu Tempo, Winston S. Churchill

Hitler

Joachim Fest

vol. 1

1889-1933

Tradução

Analúcia Teixeira Ribeiro
Antônio Nogueira Machado
Antônio Pantoja
Francisco Manuel da Rocha Filho

Tradução revista

Eliseu Visconti Neto

2ª edição



Título original: HITLER

© 1973 by Verlag Ullstein Gmb H Frankfurt/M-Berlin-Wien

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 – Fax: (21) 2537-2659
<http://www.novafrenteira.com.br>
e-mail: sac@novafrenteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F458h Fest, Joachim C.
2.ed. Hitler / Joachim C. Fest ; tradução Analúcia Teixeira Ribeiro... [et al.]. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005
2v.

Tradução de: Hitler, eine Studie uber die Angst
Conteúdo: v.1. 1889 a 1933 - v.2. 1934-1945
Inclui bibliografia
ISBN 85-209-1740-2

1. Hitler, Adolf, 1889-1945. 2. Chefes de Estado - Alemanha - Biografia. 3. Nazismo - Alemanha. 4. Alemanha - Política e governo - 1933-1945. I. Título.

CDD 923.1
CDU 929HITLER

Sumário

1º Volume

PREFÁCIO DO AUTOR *ix*

PRÓLOGO: HITLER E A GRANDEZA HISTÓRICA *1*

PARTE I: VIDA SEM OBJETIVO

1. As Origens e a Partida *11*
2. O Sonho Desfeito *23*
3. Alicerces de Granito *35*
4. Fuga para Munique *59*
5. Redenção pela Guerra *69*

PRIMEIRA INSERÇÃO: A GRANDE ANGÚSTIA *91*

PARTE II: O CAMINHO DA POLÍTICA

6. Parte do Futuro Alemão *115*
7. Triunfos Locais *135*
8. Desafiando o Poder *175*
9. O *Putsch* *199*

PARTE III: ANOS DE ESPERA

10. A Visão *219*
11. Crise e Resistências *242*
12. Dispositivo para o Combate *261*

PARTE IV: TEMPO DE LUTA

- 13. Ingresso na Grande Política 283
- 14. A Avalanche 311
- 15. Às Portas do Poder 337
- 16. No Objetivo 367

SEGUNDA INSERÇÃO: CATÁSTROFE OU CONSEQUÊNCIA? 392

Notas do 1º Volume 407

2º Volume

PARTE V: A TOMADA DO PODER

- 17. A Revolução Legal
- 18. A Caminho do Estado Totalitário
- 19. O Caso Röhm

PARTE VI: ANOS DE PREPARO

- 20. Retomando a Política Externa
- 21. Examinando a Impessoa
- 22. “O Maior dos Alemães”
- 23. Estoura a Guerra

TERCEIRA INSERÇÃO: A GUERRA ERRADA

PARTE VII: VENCEDOR E VENCIDO

- 24. O Estrategista
- 25. A “Terceira Guerra Mundial”
- 26. A Realidade Perdida

PARTE VIII: A QUEDA

- 27. Resistências
- 28. O Crepúsculo dos Deuses

EPÍLOGO: A INCAPACIDADE DE SOBREVIVER

Notas do 2º Volume

Bibliografia

Índice

Prefácio do Autor

DENTRE OS ASPECTOS PECULIARES ligados ao nome de Hitler destaca-se a sua presença constante e duradoura. Mesmo passados sessenta anos de sua morte, sua figura ainda conserva uma atualidade que projeta sombras cada vez mais longas. Disso dão prova não só os temores recorrentes, os desequilíbrios psíquicos e exorcismos, se bem que em grande parte não passem de mero ritual e de puro reflexo, mas também a transformação em tabu de certos temas e de certas perguntas, além da produção cada vez maior de textos e pesquisas, muitos dos quais pouco acrescentam ao personagem, afastando-o para uma dimensão ainda mais confusa e mitológica.

O Hitler que aparece nos cinejornais, nos filmes ou nos discos dos anos de 1920 e 1930 sobre suas obsessões ideológicas superadas, pelas quais se deixava dominar, dá a impressão de uma figura caída faz tempo no anacronismo, proveniente de uma época que some no horizonte. Ainda assim, qualquer avaliação histórica, e até mesmo a tentativa dos estudiosos de considerar a sua pessoa e o seu domínio numa perspectiva histórica, têm provocado controvérsias agudas.

Sua figura se presta, por outro lado, ao arquétipo de tudo o que de obscuro e horripilante jamais existiu na face da Terra. Quanto mais a figura histórica vai ficando estranha e enigmática, mais claramente delineada se torna sua função sociopsicológica. O homem necessita de uma representação tangível do mal e, quando num mundo secularizado, no qual nem mesmo as crianças acreditam mais no diabo, é preciso evocar um inimigo imaginário, denominado de início por antonomásia, para logo se retirar o conceito abstrato e apresentá-lo na sua evidência, logo vem à lembrança o espectro de Hitler.

É costume afirmar-se que o momento adequado para descrever fatos ou personagens históricos situa-se a cerca de uma geração depois dos eventos. Em 1973, quando primeiro foi publicado este livro, o mito de Hitler ainda não existia, mas a estupefação com seu grande fracasso, seguida de uma enorme anestesia, começavam exatamente naquele momento a se dissipar, substituindo o exorcismo pelo interesse. Em termos de retrospectiva, aquela época permanece absolutamente aberta, pois as escolas de pensamento que tanto se confrontam estavam apenas começando a se definir, e um autor, diversamente do que aconteceria com frequência em seguida, poder-se-ia legitimar com as sempre válidas virtudes históricas da objetividade, da

sensibilidade e do espírito crítico, ao passo que toda a ética que se exigia era simplesmente o desejo de entender. A historiografia havia aberto alguns clarões iniciais naquela floresta de materiais; foi um período de avaliação e de reordenamento, mas também de se ensaiarem as primeiras tentativas de reconstituição: algumas destas, como o estudo de Karl Dietrich Bracher, sobre o fim da República de Weimar, tornavam-se referência para a pesquisa referente à época. Tais estudos, todavia, eram de tiragem escassa, e por isso dificilmente acessíveis ao público. Se bem que o sucesso de um livro sempre apresente alguns elementos inexplicáveis, o mérito desta biografia deve-se a uma série de fatores que têm o centro principalmente no fato de ter sido publicada naquele momento histórico.

De toda forma, esse sucesso não guarda relação, como alguns suspeitavam, com a tendência fantasiosa de procurar provas que induzam a uma “onda Hitler,” cuidadosamente arquitetada. Leituras de cabaré de *Mein Kampf*, os preços de leilão de uma ou outra aquarela de Hitler, o filme de Alec Guinness sobre seus últimos dias no “bunker” de Berlim e tantos outros fatos contingentes que poderiam não ter ocorrido foram correlacionados a este livro, numa conjuração que ultrapassa qualquer fronteira. Tal bizarra mistificação, que ainda suscita muitas críticas, não passava de uma manifestação, com sinal oposto, daquela histeria que se desejava combater. E se a presumida “onda Hitler” caiu rapidamente no esquecimento, volatizaram-se também os comentários a seu respeito.

A necessidade, então manifestada com ênfase pela primeira vez, de obter respostas bem fundadas, girava em torno das perguntas que ainda hoje constituem o cerne de qualquer estudo sobre os anos em questão: como foi possível Hitler ascender ao poder, conquistar a adesão de massas tão imensas e, afinal de contas, conservá-la malgrado todas as injustiças cometidas com propósito de fanfarronada, e a despeito da guerra e dos crimes perpetrados.

Até os anos 1950 bem adiantados, o mercado de livros de memórias fora dominado por diversas formas de literatura apologética. De um lado, os militantes do partido ou os coniventes com o regime ansiavam por justificar seu consentimento ou no mínimo seu silêncio relutante, enquanto de outro lado, seus adversários forneciam, *a posteriori*, os motivos de seu próprio fracasso, de sua própria impotência. A essa mesma esfera de motivação pertencem numerosas interpretações destinadas a demonizar Hitler, considerando-o em contextos atemporais, como a apoteose da crise da modernidade, a catástrofe do princípio “faustiano” ou bem da filosofia alemã entre Hegel e Nietzsche. Passando por inúmeras abordagens ulteriores, diagnósticos os mais sintéticos terminavam em várias interpretações de cunho teológico que o definiam como uma espécie de apocalíptico “bicho dos abismos.”

A necessidade de extrair interpretações foi bastante exercitada. Intenção idêntica deixava transparecer a maior parte dos estudos da escola marxista, cujos grandes nomes queriam, por sua vez, tornar racional a falência de Hitler, como se pode depreender de uma das referidas interpretações: o “candidato carregado e erguido

a muito custo, altamente pago por parte de uma gangue de nazistas que operavam nos bastidores, formada pela reação e pelo grande capital.”

Dentre todos estes retratos confusos e desconcertantes distingue-se, já no início dos anos 1950, uma exceção notável, a famosa biografia de Hitler escrita por Alan Bullock, na tradição da grande historiografia anglo-saxônica. De uma brilhante objetividade, e sem ostentar os quase inevitáveis preconceitos inerentes a todas as apreciações alemãs sobre o tema, a biografia traçava o homem e a sua política a uma distância conveniente, desapassionada e, ao mesmo tempo, crítica, e foi considerada, durante longo tempo, a descrição definitiva da sua vida.

Não obstante a fama logo adquirida, a obra, em anos seguintes, despertou dúvidas cada vez mais consistentes sobre pelo menos duas de suas considerações iniciais. A exemplo de todos os demais, Alan Bullock partiu do pressuposto de que Hitler representava o grande antagonista de sua própria época e que, a despeito de todas as tensões, assim foi reconhecido, ao menos fora da Alemanha. Tal opinião contava com muitos argumentos favoráveis. Com efeito, aquela época parecia especialmente voltada à democracia, à crescente autodeterminação, à superação das diferenças tradicionais entre diversos países e mesmo à compreensão entre os povos, e frente a cada uma daquelas tendências Hitler se apresentava como um fenômeno totalmente ultrapassado e absurdo.

Mas como explicar a multidão de visitantes que, de 1933 em diante, dirigia-se, em peregrinações cada vez mais freqüentes, a Berlim ou a Obersalzberg? Muitos, inicialmente com espírito resistente ou irônico, retornavam cada vez mais impressionados, personagens do calibre de John Simon e Anthony Eden, Lloyd George, François-Poncet e Toynbee. Como explicar a reação do público daquele cinema de Londres que, depois da saída da Alemanha da Liga das Nações, prorrompia em gritos de alegria quando Hitler aparecia na tela? Que sensação poderia ter induzido aquela alta sociedade tão presunçosa de Florença a oferecer, como escreveu o Conde Ciano, em poucas horas, “o espírito e o coração” ao convidado esperado tão desdenhosamente? Sem se esquecer de Mussolini que, bem cedo, sucumbiu até a auto-renúncia àquele *parvenu* d’além Alpes de quem ele havia inicialmente escarneado.

E quando o brutal desprezo de Hitler pelas leis se tornou evidente, o que teria levado as potências européias a se esforçarem por estabelecer pactos e tratados que jamais teriam proposto aos políticos da República de Weimar, eles que tão pouco ofereciam? Não se tratou, certamente, só de receio, insanidade ou o amor à paz que os fez ceder tão prontamente nos seus pontos mais fracos, a fim de que Hitler não perturbasse radicalmente todos os arranjos pós-bélicos. Os inimigos irredutíveis de Hitler, todavia, em particular aqueles que haviam fugido para o exterior, viram, cada vez com mais amargura e impotência, como, ao menos por um determinado período, o ditador alemão, segundo as palavras de um deles, conseguiu se apresentar como “filho diletto” da própria época. As perguntas se amontoavam. Todas desembocavam na observação que, no início dos anos 50, o

subscrito recebeu da parte de um homem que odiava o regime com tudo o que significava: em todos os anos do regime hitlerista, ele jamais abandonou a idéia de que fora derrotado, em 1933, não por um adversário inescrupuloso, mas sim pelo princípio histórico mais forte e, portanto, pela própria história.

Estes e outros sinais induziram o observador a considerar se Hitler, com todo o retrocesso que o caracterizava, não poderia também funcionar como representante de fortes correntes, numa época de rebelião. De qualquer forma, Hitler conseguiu seguir o seu caminho, tendo em popa o vento de inspirações ardorosas. Dentre elas, o desejo de utopia e de um recomeço, como também de personagens voluntariosos e carismáticos que, em troca da demanda de uma rígida submissão, ofereciam a sensação de um abraço protetor. Muitos intuíram que, mesmo sendo manipuladores e evados de segundas intenções os novos ideais de comunhão que lhes vinham propor, as massas, privadas de rumo, levaram-nos a sério, não como uma promessa de liberdade, que os deixava com os mesmos problemas; a participação nos eventos comunitários, organizados com grande espírito litúrgico por todo país, compensava plenamente a perda dos direitos políticos; davam, na verdade, a sensação de uma participação política mais profunda do que a ida às urnas.

Nos bastidores deste cenário atuava uma revolta radical contra o odiado mundo burguês com suas rachaduras profundas, além da expectativa de trocar os meros relacionamentos materialistas por um forte credo, e muitos já entreviam no espetáculo permanente dos cortejos de massa com archotes e bandeiras as missas fúnebres que, celebradas nos tempos irremediavelmente ultrapassados, anunciavam o evento da nova era, que desfilava com eles e com suas cantorias.

Sob o perfil político, a virulência antiburguesa era encontrável à direita como à esquerda, e esta singularidade, que revelava tanto semelhanças quanto diferenças, unia e separava as duas posições, e Hitler, demagogo com instinto seguro, compreendeu que existia, à época, um suspiro difuso por uma mudança essencial, proclamada em cada rua e cada praça pelo marxismo radical, mas inverteu a direção apropriando-se desta forma da própria força do adversário. O perigo bolchevique ou, como costumava defini-lo, o perigo judaico-comunista, foi por ele esconjurado, sem trégua, deixando seu próprio delírio racista empurrar a massa em sua direção, e procurou que este delírio não fosse vivido somente como receio de uma opressão política, mas de uma ameaça absoluta a todos os valores e padrões culturais e ao modo de vida habitual.

A discussão irrompeu, no entretempo, acerca da questão se, e em que medida, Hitler deve ser considerado uma reação ao medo vivido em toda Europa daqueles anos, no momento em que se ensaiavam as primeiras reflexões sobre este livro. Extrai-se, todavia, de inúmeros documentos da época, que na imagem da Rússia soviética, vista com os olhos dilatados do medo, era lícito acompanhar, com uma clareza contundente, todas aquelas sensações de crise, frente ao advento de uma nova e estranha era, e que os ânimos populares, sobretudo das massas burguesas e pequeno-burguesas poderiam ser levados à histeria.

Por outro lado, não há dúvida de que Hitler se tenha aproveitado da sensação de pânico para, com grande habilidade retórica e teatral, convertê-la em agressão. Tais agressões refletiam, como se fora uma fórmula mágica, a equação de sua própria personalidade, as fobias que o acompanharam por toda vida, o seu desejo de poder, bem como o seu desejo de desempenhar um papel importante, permitindo conferir à sua natureza rude e fria o carisma de uma causa arrastadora. De qualquer forma, dentre as promessas de Hitler figurava a força salvadora. O afastamento da ameaça da revolução comunista, primeiro no âmbito interno, depois nos confrontos do mundo exterior, revelou-se mais eficaz do que quase todo resto.

Esta foi a circunstância com a qual Hitler e seus sequazes, cada vez mais numerosos, pareciam responder às necessidades mais diversas, e que aplainou a estrada do sucesso. De forma arbitrária, mas persuasiva para todos que procuravam algo em que acreditar, eles conseguiam conjugar conceitos antiburgueses e anticomunistas, conservadores e social-revolucionários, sentimento nacionalista alemão ofendido e aspirações universalistas com a preocupação difusa de todos pela aproximação de uma grande crise.

Diferentemente do que sucederia mais tarde, seus contemporâneos não reconheciam nele e em seus vários apêndices um simples rótulo de “direita,” “conservador,” ou mesmo “reacionário.” Caso ele tivesse sido um personagem inequivocamente retrógrado, voltado ao restabelecimento do passado, Hitler teria suscitado nos seus contemporâneos mais risos do que Charlie Chaplin conseguiu à custa dele. As massas não costumam seguir múmias como Hugenberg e Papan, e deveriam passar pela experiência pagando um preço político, como o que ocorreu mais recentemente em relação aos detentores do poder comunista.

A maioria interpretou a ascensão de Hitler como o sinal havia tempos esperado de um movimento de unificação interna que prometia a manutenção das tradições, fundindo-a com uma visão progressista do futuro. Este foi o cenário que lhe permitiu apresentar-se como a grande força antagônica de uma época que parecia perdida num beco escuro e que somente poderia escapar do declínio caso ocorresse uma total inversão da tendência. Além das razões históricas concretas – como a derrota em 1918, a revolução, a humilhação intencional de Versalhes, a inflação, a proletarização das classes médias ou a crise econômica – foram aqueles sentimentos de uma reviravolta próxima e inevitável da época que ajudaram o nacional-socialismo a conquistar seguidores em meio à massa, cobrindo-o com um manto e uma aura adventística para-religiosa e dedicando a Hitler uma espécie de espera messiânica.

As reflexões apenas esboçadas deixam evidente que aquele homem, aquela época e suas interrelações recíprocas eram mais complexos do que pareceu ao nível em que se encontravam as pesquisas quando do início da obra de Bullock. Não menos determinante foi a constatação de que Bullock havia respondido à pergunta central de qualquer biografia histórico-política sobre o impulso predominante na vida do personagem, atribuindo-o à sede de poder de Hitler. Bullock sustentava

que, mesmo retirando de sua retórica todos os ornamentos e exageros, podia-se a qualquer momento, analisando sua grandiloquência a fundo, ver uma volúpia pelo poder que ele conhecia e desejava. A aridez e a miséria humana do “monstro” Hitler, sobre quem tantos historiadores se angustiam à luz da catástrofe que ocorreu, foi interpretada, por Bullock, como conseqüência de seu desmesurado senso de poder, que a tudo se sobrepunha, inibindo qualquer traço de humanidade.

Tal concessão apoiava-se, em grande parte, sobre a tese desenvolvida na segunda metade dos anos 1930, no livro que logo se tornou famoso, *A revolução do nihilismo*, escrito por Hermann Rauschning, ex-presidente do senado de Danzig, que, depois de ter sido um dos primeiros militantes do partido de Hitler, logo o renegou. Em sua opinião, Hitler e seu restrito círculo de seguidores eram revolucionários privados de fundamentos, que não tinham nem seguiam qualquer ideologia, mas delas se serviam com o único fim de conquistar, consolidar e aumentar seu próprio poder pessoal. Apesar de a teoria apresentar aspectos convincentes, não explica muitas outras particularidades. Rauschning, por exemplo, considerava e descartava simplesmente como “idéia fixa” de Hitler o seu anti-semitismo exacerbado, que era animado por fins torpes e ódio primordial, cujas origens e cuja incontrolável fúria, capazes até mesmo de prejudicar os próprios objetivos, representam, talvez, o problema acerca da natureza de Hitler de mais difícil análise.

Cerca de dez anos após a publicação da biografia de Bullock, foi o historiador inglês Hugh R. Trevor-Roper que desferiu um primeiro e decisivo ataque sobre tais teses. Numa conferência proferida em Munique sobre “os objetivos de guerra de Hitler,” Trevor-Roper apresentou o ditador, pela primeira vez, sob as vestes de um político caracterizado por fixações ideológicas e guiado em todas as suas manobras táticas por alguns princípios rigidamente obedecidos. As manias e as obsessões, toda a psicopatologia daquele homem não se originavam, como Trevor-Roper bem explicou, de uma vontade monstruosa de poder, embora esta entrasse no quadro da personalidade de Hitler. Referiam-se, antes, às certezas presumidas de uma visão rígida e monolítica do mundo, baseada em slogans e rancores, que eram representadas, muitas vezes, pela conquista de espaços vitais e por um ódio obsessivo aos judeus.

Somente uma visão histórica fechada e compacta, fruto de uma elaboração completa e mistificadora, é capaz de descartar aquele componente de energia destrutiva que Hitler liberou até o final da sua última hora. Mas isso ainda não explica tudo. Deve-se acrescentar a disposição de lançar-se até o limite extremo e de jogar a última carta, mesmo em incidentes insignificantes. Quem entra em campo com tal determinação desarruma todas as regras do jogo. Os sucessos que Hitler registrou na primavera de 1939, que provocaram tanto estupor e acenderam o mito da sua invencibilidade, não se podiam atribuir exclusivamente à cegueira e à fraqueza das potências européias, tampouco à capacidade dele de enganar. Antes, nenhum dos seus antagonistas nutria dúvida sobre o fato de que qualquer tipo de política deve encerrar um cerne racional e perseguir um interesse calculável.

Tal certeza foi a origem de todas as concessões que se deixaram extorquir. Não foi depois de uma cadeia de erros e concessões, nem mesmo depois da conferência de Munique, em 1938, mas somente depois da ocupação de Praga, na primavera de 1939, que os seus antagonistas começaram a achar que Hitler havia rompido com aquele princípio que norteia toda política.

Aqueles antagonistas compreendiam tão pouco quanto os próprios alemães que Hitler queria a guerra a todo custo, mesmo que seu preço fosse a catástrofe, e dentre todas as interpretações que o seu caráter recebe, a mais documentável é a que emerge do tal desejo irresistível, motivo propulsor da sua carreira. Estando pronto a jogar tudo por tudo, por um longo tempo Hitler pôde e deveria vencer: este e nenhum outro era o seu exaltado objetivo. Mas aquele tipo de sucesso tinha uma ponta suicida: esta tipologia ainda ignorada entrou, com ele, para a cena política da história. Sem uma energia de morte profundamente enraizada nas origens, e antes ainda da impressão e do clima da época, o comportamento de Hitler resulta inexplicável e reporta-se às tendências pessimistas culturais presentes na segunda metade do século XIX, com todas as fobias e profecias de opressão que naquela época se reconheciam como horríveis, mas ao mesmo tempo fascinantes, para fazer justiça a uma tal tendência. Nesse contexto, deve-se ainda chegar a Richard Wagner, que, como músico, escritor político e personalidade, representou a experiência fundamental para a formação de Hitler.

Hitler moldou-se nos precursores, nos lidadores, nos cavaleiros brancos e nos salvadores que povoam a obra do compositor, inicialmente de forma confusa, mas logo em seguida com segurança crescente, assumindo o papel de salvador. Tudo era temperado com a luz de uma visão do mundo permeada pelos sinais da decadência germânica, que se alucinava com a idéia da catástrofe, invocando, desta forma, o crepúsculo dos deuses.

Longe desses pontos interpretativos, assistiu-se, nos anos passados, a uma grande quantidade de tentativas diferentes e até mesmo opostas de ressaltar os impulsos mais íntimos de Hitler; parafraseando a famosa citação de Churchill, tais tentativas não se mostraram, em verdade, mais do que “um enigma dentro de um problema.” Uma figura como Hitler acaba por atrair a atenção de diversos espíritos ambiciosos, que se distinguem pela audácia especulativa, fantasia e liberalidade total com relação às fontes. Erich Fromm, por exemplo, centrou sua própria interpretação no desejo de morte de Hitler, reconhecendo sua origem num aspecto incestuoso da imagem materna. Fiel ao mecanismo daquela projeção, Hitler teria ampliado o sentimento para toda Alemanha, e suas inclinações “necrófilas” teriam sido constantemente pressionadas pelo desejo longamente reprimido, e determinou-se, prepotentemente, a destruir aquela imagem, tanto que, finalmente, emerge a constatação de que o verdadeiro objeto do seu ódio era exatamente a Alemanha.

Em oposição a esta tese, Alice Miller atribuiu a natureza exagerada de Hitler a um desejo mórbido de revanche contra a tirania familiar e o prazer paterno de infligir castigo corporal, enquanto Simon Wiesenthal sustentou, ainda nos anos

1980, a opinião baseada na literatura derivada de Nietzsche, Hugo Wolf e, no fundo, do *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, segundo a qual o anti-semitismo de Hitler e tudo o que se seguiu teria sido fruto de uma infecção contraída em Viena de prostituta judia, pouco antes da virada do século. Todas essas interpretações carecem de provas suficientes, servindo muitas vezes aos diversos autores para demonstrar, à luz de um caso espetacular, recoberto por um manto de esplendor fatal do mal, uma teoria há muito tempo sustentada por eles; e todos apenas dão testemunha de sua impotência em desvendar uma figura como Hitler.

Todavia, diferentemente do que observou em tempos recentes Claude Lanzmann, diretor do filme documentário “Shoah,” de 1985, a resposta não pode ser aquela de julgar ilícita qualquer representação histórica de Hitler, visando a tornar compreensível o incompreensível, por antonomásia. Tais teses não passam de nova forma de exorcismo. Retiram Hitler da história com a intenção de não permitir que ele e seus crimes contaminem a imagem que temos da humanidade. Mas a história não pode prescindir de Hitler. O único elemento correto desta objeção consiste no fato de que qualquer abordagem biográfica deve levar em conta a consciência de não se poder atingir mais do que uma aproximação especulativa ou distorcida. Com o seu segredo mais íntimo, em particular, seu ódio maníaco pelos judeus, Hitler enganou o mundo.

Além disso, como sucede na história em geral, também neste caso é possível entender o quanto podem ser remotos, por exemplo, os impulsos do processo histórico, quais são os mecanismos do seu curso, quais são seus vínculos, sua corruptibilidade e sua falha, mas também a liberdade dos homens nas situações decisivas. Dentre as críticas levantadas no momento da publicação deste livro, aparecia a objeção de que, sob a ótica metodológica, tratava-se de uma biografia superada que não levava em conta as forças sociais e também as estruturas de sustentação a Hitler, que o conduziram à frente em cada passo. Cabe ao leitor formar sua própria opinião sobre o fundamento de tais afirmações.

Essas objeções são respondidas pela argumentação já exposta no presente trabalho, segundo a qual, no curso da história, o papel individual torna-se visivelmente mais fraco e ele não “faz” mais a história na medida muitas vezes encontrada no século XIX. Mas o personagem em tela, curiosamente atrasado também sob esse aspecto, contribuiu de fato em quantidade muito superior à que talvez correspondesse à própria época. O dado irrefutável reside no fato de que não é lícito negar completamente a força de ação individual, deslocando todo o interesse para o contexto ou mesmo para a estrutura. Isso foi demonstrado recentemente, nos anos 1980 e 1990. O desmoronamento tipicamente inesperado, quase silencioso, do império soviético aparentemente sólido, organizado em tudo e por tudo para manutenção do poder pela classe dominante, tornou evidente, em meio a outros aspectos, o fato de que a perspectiva baseada na análise das estruturas não é, certamente, o melhor método para a compreensão das razões históricas. Além disso, a ótica estruturalista mina quase tudo o que existe na história de contraditório,

confuso e insuspeitado. Se as estruturas sociais são efetivamente mais determinantes do que todos os outros fatores que dominam a história, todo fato histórico submete-se a uma limitação determinística. De fato, tornam-se totalmente irrelevantes as circunstâncias biográficas que fizeram de Hitler o que foi: os seus complexos, os seus medos, seus preconceitos e as energias destrutivas que adquiriu. De pouco a pouco a responsabilidade pelo curso dos fatos atribuíveis a um indivíduo vai-se esvaindo até quase desaparecer, ou reduz-se à sensação de impotência fatalística. Mas de tudo o que ocorreu naqueles anos, não é possível se ignorar a existência da pessoa de Hitler, ou diminuir-lhe a estatura, como já foi feito, a “um débil ditador,” nem a existência da camarilha dos seus precursores ocultos ou evidentes, pertencentes às velhas elites do poder, nem aquela massa desorientada que ansiava por um guia e uma ordem rígida. Tudo tem seu peso próprio e o equilíbrio que o autor distribui entre os diversos fatores torna-se decisivo. O historiador inglês Ian Kershaw anunciou, recentemente, uma biografia destinada a descrever a ascensão, a conquista do poder e o sistema de dominação de Hitler, a partir, sobretudo, das forças sociais das quais Hitler seria, em grande medida, o produto.

Hitler, todavia, foi sempre mais do que isto, e o problema consiste exatamente nas circunstâncias e na forma como elas o teriam dobrado, não obstante sua própria vontade e loucura. Pode ser, afinal, que, apesar de seu extraordinário poder ante as circunstâncias e ante as condições da época, venha-se a confirmar Hitler como “figura nula” na produção daquela ruptura histórica e daquele ceticismo extremo que penetrou a consciência de todos. Ele e seu regime foram definidos como um “choque cultural.” A definição é muito fraca: Hitler perpetrou uma obra de destruição colossal, chegando ao extermínio de homens, cidades, países, além de valores, tradições e estilos de vida.

Mas o seu legado de conseqüência mais grave consiste no horror do que o homem é capaz de fazer, em confronto com outro homem. Criou-se uma profunda rachadura na imagem patética que o homem tinha de si próprio, apesar de todos os crimes que povoam a história. O otimismo secular da civilização, orgulhosa por ter dominado os instintos bárbaros do homem, e toda a confiança substancial de que a evolução do mundo, malgrado as interrupções e recaídas, ia sempre em direção ao melhor, chegaram ao fim com Hitler e ninguém sabe dizer o que poderia recriar aquela confiança.

A modernidade paradoxal de Hitler consiste muito menos nas correrias de bandos juvenis que pouco se importam com as insígnias e os emblemas revoltantes daqueles anos, que repousam sempre sobre o pó de uma época ultrapassada. Hitler não só fechou uma era, conforme a opinião corrente. Como artífice de um total pessimismo relativamente ao ser humano e ao mundo, a um ponto que nenhuma negação ou desejo de minimizar poderão apagar, Hitler permanece contemporâneo de todos nós, já que o presente é uma época que o enxerga em sua entrada. Isto significa que sem o conhecimento da história aqui delineada é impossível conhecer o mundo de hoje.

Foi também o propósito de compreender a si próprio, além da exigência de adquirir uma imagem do mundo atual, e além de todos os quesitos tipicamente históricos, que fez nascer, no autor, há anos, a decisão de escrever este livro. O livro não tem outro objetivo afora o de mostrar como nasceu a nossa época, quais foram as circunstâncias pessoais e sociais que cercaram a ascensão do homem que a influenciou de forma tão permanente, e por que motivo seu poder pôde durar, atingindo, mesmo no próprio colapso, o seu intento.

Kronberg, junho de 2002

HITLER E A GRANDEZA HISTÓRICA

Não é cegueira ou ignorância o que leva à ruína os homens e os estados. Não demora muito para que percebam até onde os levará o caminho escolhido. Mas há neles um impulso, que sua natureza favorece e o hábito reforça, ao qual não podem resistir, e que continua a empurrá-los enquanto lhes resta a mínima energia. Aquele que consegue dominar-se é um ser superior. A maioria vê diante dos olhos a ruína, e avança para ela.¹

Leopold von Ranke

A HISTÓRIA CONHECIDA não registra fenômeno que se lhe assemelhe; devemos qualificá-lo de “grande”? Ninguém suscitou tamanho entusiasmo e histeria, e tão grande esperança de salvação; ninguém despertou tanto ódio. Nenhum outro, num percurso solitário que durou uns poucos anos, acelerou o curso do tempo e modificou as condições do mundo de maneira, por assim dizer, inacreditável, como ele o fez; ninguém deixou atrás de si tal rastro de ruínas. Só a coalizão de quase todas as potências mundiais, numa guerra que durou quase seis anos, extinguiu-o da face da Terra: nas palavras de um oficial da resistência alemã, abateu-o “como a um cão raivoso.”²

A grandeza peculiar de Hitler está ligada a esse caráter excessivo: uma enorme irrupção de energia a derrubar todos os padrões existentes. É certo que o gigantesco não corresponde, necessariamente, a uma grandeza histórica, e que também o trivial tem a sua força. Mas ele não foi apenas gigantesco, ou apenas trivial. A erupção que desencadeou acusava, quase em cada etapa, até as últimas semanas da guerra, sua vontade diretiva. Em muitos discursos lembrava, num tom extasiado, o início de sua carreira, quando “nada tinha atrás de si, nada, nenhum nome, ou poder, ou imprensa, nada mesmo, absolutamente nada,” e como, só por esforço próprio, havia subido “de pobre-diabo” ao domínio da Alemanha e, logo, de uma parte do mundo: “Foi uma coisa quase milagrosa!”³ Com efeito, e de forma sem precedente, ele criou tudo sozinho, e foi tudo de uma vez: mestre de si mesmo, organizador de um partido e criador de sua ideologia, salvador tático e demagógico, *Führer* [conductor, guia, chefe], estadista, e, por um decênio, o epicentro da agitação do mundo. Desmentiu o axioma segundo o qual as revoluções devoram

seus próprios filhos; porque Hitler foi, já se disse, “o Rousseau, o Mirabeau, o Robespierre e o Napoleão de sua própria revolução; foi seu Marx, seu Lênin, seu Trotsky e seu Stalin. Pelo caráter e maneira de ser, situava-se, talvez, muito abaixo da maioria dos citados; todavia, teve êxito onde nenhum deles teve: ele dominou sua revolução em cada fase, até mesmo no momento da derrota. Isso demonstra perfeita compreensão das forças que conjurara.”⁴

Possuía, ademais, extraordinária acuidade para decidir que forças eram mobilizáveis, e não se deixava induzir a erro pelas tendências dominantes. A época de sua entrada na política estava inteiramente sob o signo do sistema burguês liberal, mas ele soube captar as resistências latentes e, por meio de manobras ousadas ou mesmo extravagantes, incorporou-as ao seu programa. Seu comportamento foi considerado paradoxal do ponto de vista político, e o arrogante *Zeitgeist*, o espírito da época, durante anos, não o levou a sério. A zombaria que atraiu se justificava por seu estilo, pela exaltação retórica e pela encenação de que se utilizava; mas sua pessoa, de uma forma difícil de descrever, ficava muito acima dessas aparências banais e desinteressantes. Sua força extraordinária repousava, e em grande parte, no fato de que, raciocinando arrojada e sutilmente, era capaz de construir castelos no ar – foi isso que um dos seus primeiros biógrafos quis dizer, ao publicar em 1935, na Holanda, uma obra com o título *Don Quichotte van München*.⁵

Dez anos antes, Hitler, político bávaro fracassado, esboçava, em seu quarto mobiliado de Munique, arcos do triunfo e salões com cúpulas. Apesar do desmoronamento de todas as esperanças, após a tentativa do *Putsch* de novembro de 1923, não retirou sequer uma de suas palavras, não amainou qualquer de seus desafios e recusou-se a modificar o que fosse de seus planos para dominar o mundo. Naquela época todos haviam objetado – comentou mais tarde – que ele não era senão um visionário: “Diziam sempre que eu era louco.” Mas, apenas alguns anos depois, tudo quanto quis transformou-se em realidade ou em projeto realizável, e aquelas forças com pretensão a duradouras e intocáveis – a democracia e o governo de partidos, os sindicatos, a solidariedade internacional dos trabalhadores, o sistema europeu de alianças e a Liga das Nações – estavam em decadência. “Quem tinha razão?” – perguntou Hitler triunfante. “O fantasista ou os outros? – Eu estava certo.”⁶

Nessa inabalável certeza de ser a expressão de um acordo entre o espírito e a tendência da época, bem como na capacidade de representar essa tendência, existe, certamente, um fator de grandeza histórica. Jacob Burckhardt escreveu no célebre ensaio *Weltgeschichtlichen Betrachtungen* [Considerações sobre a história do mundo]: “A definição de grandeza parece ser a seguinte: ela leva a cabo uma vontade que transcende o individual.” Referiu-se, ainda, à “misteriosa coincidência” entre o egoísmo do indivíduo e a vontade de todos. A vida de Hitler, tanto em linhas gerais como também, aqui e ali, em acontecimentos particulares específicos, aparece como demonstração extraordinária desse pensamento; os capítulos que se seguem documentam-no fartamente. O mesmo acontece com os outros critérios que, segundo Burckhardt, determinam o personagem histórico. Ser insubstituível;

conduzir um povo de uma condição antiga para uma nova que, sem ele, seria inconcebível; ocupar a fantasia de seus contemporâneos; encarnar “não apenas o programa e a fúria de um partido,” mas uma necessidade mais geral; demonstrar capacidade de “saltar sobre o abismo”; possuir o dom da simplificação; saber diferenciar os poderes reais dos ilusórios, assim como, finalmente, ter uma força de vontade anormal, acrescida duma espécie de magia irresistível: “Contestação nas proximidades dele torna-se de todo impossível; quem queira se opor a ele terá de viver fora de seu alcance, entre os seus inimigos, e só poderá defrontá-lo no campo de batalha.”⁷

E ainda hesitamos em chamar Hitler de “grande.” As dúvidas não vêm tanto dos traços criminosos de sua aparência psicopata. Aliás, a história mundial não palmilha o solo “em que reside a moralidade” e Burckhardt fala, também, da “singular desobrigação de se conformar às leis morais costumeiras” legada pela consciência geral às grandes personalidades.⁸ É verdade que se pode questionar se o crime de exterminação coletiva planejado e perpetrado por Hitler não é de outra natureza e transcende os limites morais concebidos por Hegel e Burckhardt; mas a dúvida sobre a grandeza histórica de Hitler vem de outro motivo. O fenômeno do grande homem é antes de tudo de ordem estética, e é extremamente raro que seja, também, de natureza moral; e ainda que possa, muitas vezes, desobrigar-se *neste* campo, *naquele* nunca poderá. Reza um velho dogma de estética que não se presta a ser herói quem, por mais que apresente boas qualidades, seja um ser humano repulsivo. Pode ser o caso – e disso haverá evidências – de que Hitler corresponda em larga escala a essa descrição; os numerosos traços lugubramente instintivos, a intolerância e sede de vingança, a falta de generosidade, seu materialismo banal e nu – o poder era a única motivação que ele reconhecia, e muitas vezes forçou seus convivas à mesa a acompanhá-lo em seu desprezo por tudo o mais como “bobagens” – de maneira geral, essas características de patente vulgaridade emprestavam à sua imagem um quê de repugnante trivialidade que não joga com a noção tradicional de grandeza. “O que impressiona neste mundo,” escreveu Bismarck numa carta, “tem parentesco com o anjo caído, que é belo mas perenemente inquieto, é grande em seus planos e esforços mas não alcança o sucesso, é orgulhoso e triste”⁹ – a distância é incomensurável.



Talvez o próprio conceito de grandeza, no entanto, seja problemático. É verdade que Thomas Mann, num dos ensaios políticos gravados de pessimismo que escreveu durante o tempo em que esteve emigrado, fala de “grandeza” e de “gênio” a propósito de um Hitler então triunfante; mas fala em “grandeza remendada” e em “gênio de plano inferior”¹⁰ – conceito que se autodestrói, em vista de tais contradições. Talvez essa idéia de grandeza venha da interpretação histórica de uma época passada que atribuía quase todo o peso aos atores e às idéias no processo histórico, e quase nenhum ao vasto emaranhado de forças.

É essa, realmente, a concepção comum. Afirma a medíocre importância da personalidade face aos interesses, conveniências e conflitos materiais na sociedade, e vê confirmada a sua tese, de maneira irrefutável, justamente no caso de Hitler: como “vassalo,” senão “espadachim,” do grande capital, organizou, de cima, a luta de classes e, em 1933, subjugou as massas ávidas de autodeterminação política e social. Mais tarde, desencadeando a guerra, prestou-se aos objetivos de expansão de seus comanditários. Nesta tese, que tem sido apresentada em muitas variantes, Hitler aparece como totalmente substituível, “o mais ordinário das figuras de proa,” como o descreveu,¹¹ já em 1929, um dos analistas de esquerda do fascismo; para os proponentes dessa teoria ele era, em qualquer caso, apenas um fator entre tantos e nunca a causa determinante.

Em verdade, essa objeção visa a negar a possibilidade de compreensão histórica por meio do estudo biográfico. Alega-se que indivíduo algum pode explicitar o processo histórico com todas as suas tramas e contradições, situado sobre inúmeros planos de tensão em constante mudança, de maneira ainda que próxima da autenticidade. A rigor, a historiografia pessoal apenas continua a tradição da antiga literatura cortesã e agiográfica, e, depois de 1945, com a derrocada do regime, continuou usando a mesma metodologia, apenas trocando de sinal. Hitler permaneceu como a força irresistível, determinadora de tudo, e “apenas mudou de qualidade: o salvador transformou-se no sedutor diabólico.”¹² Finalmente, continua o argumento, cada relato biográfico serve, voluntariamente ou não, à necessidade de justificativa dos milhões de adeptos, que se transformam em vítimas diante de tanta “grandeza” ou, de qualquer forma, querem lançar toda a responsabilidade do acontecido à conta dos caprichos patológicos de um Führer demoníaco e inacessível. Em resumo, a biografia não seria senão uma manobra sub-reptícia de desobrigação no quadro de uma vasta estratégia de desculpa.¹³

Tal objeção é reforçada, ainda, pelo fato de Hitler, como personalidade, mal despertar nosso interesse; sua pessoa permanece, através dos anos, espantosamente pálida e inexpressiva. Apenas no contexto da época adquire dimensão e fascínio. Hitler possui em larga escala aquilo que Walter Benjamin chamou de “caráter social” – uma combinação quase modelar de todas as angústias, os protestos e as esperanças de seu tempo; tudo isso, na verdade, em demasia, desvirtuado e apresentando alguns traços fora do comum, mas sempre mostrando relação e compatibilidade com o *background* histórico. A vida de Hitler não mereceria ser descrita ou interpretada, não fossem as tendências e circunstâncias que dela assomam, transcendendo a pessoa, e caso sua biografia não constituísse, também, o fragmento da biografia de uma época. Sendo assim, sua apresentação se justifica contra quaisquer objeções que se levantem.

Inevitavelmente, então, o *background* vem para o foco mais em destaque do que é o normal em biografias. Hitler se desdobra diante de um espesso padrão de fatores objetivos que nele se imprimiram, que o favoreceram, que o impeliram para diante e, de tempos em tempos, também o seguraram. Para isto muito contribui

a romântica concepção política alemã, como o “cinza” particularmente triste da República de Weimar; o rebaixamento da nação pelo Tratado de Versalhes e o segundo rebaixamento social de largas camadas da população devido, ao mesmo tempo, à inflação e à crise da economia mundial; a fraqueza da tradição democrática na Alemanha; os sobressaltos causados pela ameaça de revolução comunista; a experiência da guerra; os cálculos falhos de um conservantismo que se tornara precário; e, finalmente, as angústias que se difundiram pela transição de uma ordem conhecida para outra, nova e ainda incerta. Tudo isso, acrescido ainda do desejo de encontrar soluções simples para opor às causas de descontentamento, freqüentemente impenetráveis e confusas, e de pôr-se a salvo de todos os agravos de uma época sob a proteção de um mando autoritário.

Como ponto de convergência de tantos anseios, angústias e ressentimentos, Hitler tornou-se figura histórica. O que aconteceu não se poderia conceber sem ele. Com ele o indivíduo demonstrou, mais uma vez, seu extraordinário poder sobre o processo histórico. Esta obra irá mostrar a que virulência e força podem ser levados os múltiplos humores entrecruzados de uma época, quando um gênio demagógico, um dom superior de estratégia política e a faculdade de efetivar aquela “coincidência mágica” de que se falou se reúnem num homem. “A história gosta, de tempos em tempos, de se condensar num só indivíduo, a quem, então, o mundo obedece.”¹⁴ Nunca será por demais acentuado que a ascensão de Hitler foi possível, em primeiro lugar, graças à excepcional reunião de condições individuais e gerais, e depois à correspondência, dificilmente compreensível, que aliava o homem à época e a época ao homem.

Esse estreito relacionamento afasta Hitler de todas as concepções que lhe atribuem faculdades sobre-humanas. Não foram características demoníacas, mas as qualidades exemplares, por assim dizer “normais,” que possibilitaram, antes de tudo, a sua carreira. O exame de sua vida irá mostrar como todas as teorias que apresentam Hitler como uma antítese fundamental da época em que viveu e de seus coetâneos são problemáticas e determinadas por viés ideológico. Muito mais do que a grande contradição de seu tempo, ele foi a sua imagem no espelho e esbarramos o tempo todo com os traços de uma identidade oculta entre um e outro.

O presente trabalho procura mostrar a grande importância das condições objetivas, mediante interpolações marginais expressamente inseridas entre os capítulos. Mas uma pergunta se propõe: em que consiste a ação particular exercida por Hitler sobre os acontecimentos? Certamente, mesmo sem sua intervenção, um movimento popular nacionalista teria encontrado eco e adesões no curso dos anos 20.¹⁵ Mas, presumivelmente, esse movimento teria sido, apenas, mais um grupo político dentro do sistema. A contribuição de Hitler foi aquela mistura inconfundível de fantástico e lógico que, como se verá, exprime em alto grau a sua natureza. O radicalismo de Gregor Strasser ou de Joseph Goebbels consistia apenas no desafio das regras do jogo em vigor que, no entanto, reafirmavam a sua continuidade assim desafiadas. O radicalismo de Hitler, ao contrário, tirava do

jogo todas as condições existentes para apresentar um elemento novo e inaudito. As emergências e o descontentamento da época teriam, de qualquer forma, levado a crises, mas, sem a pessoa de Hitler, nunca se teria chegado àquele auge, àquelas explosões que íamos assistir. Desde a primeira crise do partido, no verão de 1921, até os últimos dias de abril de 1945, quando expulsou Göring e Himmler, a sua posição permaneceu incontestada; ele não aceitava acima de si próprio nem mesmo a autoridade de uma idéia. E com extrema arbitrariedade fez história, novamente, de um modo que já em seu tempo pareceu anacrônico e jamais se repetirá: um encadeamento de intervenções subjetivas, com surpreendentes golpes e reviravoltas, espantosas traições, abnegações ideológicas, mas sempre, no fundo, uma única visão, tenazmente perseguida. Algo de seu caráter singular, do elemento subjetivo que ele impôs ao curso da história, expressa-se na fórmula “fascismo hitleriano” empregada pelos teóricos marxistas até os anos 30; e, nesse sentido, o nacional-socialismo foi, com certa razão, definido como hitlerismo.¹⁶

A pergunta, no entanto, é se não terá sido Hitler o último político que pôde ignorar tão amplamente o peso das circunstâncias e dos interesses; se a pressão dos fatores objetivos não se tornou visivelmente mais forte e, com isso, diminuiu, ao mesmo tempo, a possibilidade histórica do grande personagem – porque o seu lugar na história depende, incontestavelmente, da liberdade que o protagonista mantém das circunstâncias. Num discurso secreto feito na primavera de 1939, Hitler declarou: “Não é aceitável o princípio de esquivar-se à solução dos problemas pela acomodação às circunstâncias. Pelo contrário, o que é preciso é ajustar as circunstâncias às necessidades.”¹⁷ Fiel a esse lema, ele, o “visionário,” reviveu uma vez mais a imagem do grande homem, numa tentativa aventureira levada aos últimos limites e, finalmente, malograda. Parece que essa possibilidade, como tantas outras, morreu com ele: “Nem em Pequim, nem em Moscou, ou em Washington, poderá surgir de novo alguém como ele, que transformou o mundo de acordo com sonhos caóticos (...) Quem está no vértice não mais terá tanto campo para decisões. Pode quando muito agir no sentido de moderar decisões. A tela vem tecida segundo um padrão muito complexo. Pode-se presumir que Hitler tenha sido o último executor da ‘grande política’ nos moldes clássicos.”¹⁸

Se indivíduos já não fazem história, ou fazem-na muito menos do que, por muito tempo, supôs a tradicional escola literária da biografia romanceada, Hitler a fez, certamente, em grau mais alto do que muitos outros. Ao mesmo tempo, porém, e em partes inusitadas, a história o fez. Nada chegou até essa “impessoa” – como ele é chamado num dos capítulos que se seguem – que não existisse de antemão; mas o que chegava até ele recebia um impulso poderoso. A biografia de Hitler é a história de um processo de intercâmbio incessante e intensivo.



Permanece, pois, a pergunta se a grandeza histórica pode existir associada a condições individuais nulas ou insignificantes. Não é desinteressante imaginar qual

teria sido o destino de Hitler se a história lhe houvesse negado as circunstâncias que o despertaram e fizeram dele o porta-voz de milhões de complexos de defesa e de indignação: uma existência ignorada, vivida aqui e ali à margem da sociedade, amarga e cheia de misantropia, a ansiar por um grande destino, amaldiçoando a vida por lhe haver recusado o papel de herói a dominar o mundo. “Mais deprimente do que tudo era a total falta de consideração que me demonstravam na maioria das vezes,” escreveu Hitler a propósito dos seus primeiros tempos de político.¹⁹ A derrocada do sistema, a angústia reinante na época e a disposição para a mudança deram-lhe a oportunidade de sair da sombra do anonimato. A grandeza, disse Jacob Burckhardt, é necessidade própria de tempos terríveis.²⁰

O fenômeno Hitler mostra-nos, em medida que ultrapassa toda experiência, que a grandeza também pode acompanhar a mediocridade individual. No decurso de períodos consideráveis, sua personalidade age como que diluída, volatilizada no irreal, e não foi senão aquele caráter, por assim dizer, fictício, que levou tantos políticos conservadores e historiadores marxistas, em singular acordo, a vê-lo como instrumento de interesses estrangeiros. Longe de alguma grandeza e de ocupar uma posição de importância em todo o plano político e histórico, parecia ele o tipo ideal para encarnar o “agente,” o que atua por outros. Mas tanto uns como outros se enganaram. Foi parte, precisamente, da tática de sucesso de Hitler usar desse falso juízo, que refletia e reflete um ressentimento de classe contra o pequeno-burguês, para fazer sua política. Sua biografia é, também, a história de uma desilusão progressiva e geral. No seu tempo, ele despertava aquele desprezo irônico que ainda hoje persiste, e que só se refreia à vista de suas vítimas.

O desenrolar dessa vida, a própria marcha dos acontecimentos, proporcionarão um esclarecimento a respeito. De outro lado, a ponderação levará, também, ao ceticismo. Se, em fins de 1938, Hitler tivesse sido vítima de um atentado, poucos hesitariam em considerá-lo um dos maiores estadistas alemães, talvez o que tivesse consumado a história daquele país. Os discursos agressivos e *Mein Kampf*, o anti-semitismo e o desígnio de hegemonia mundial teriam, presumivelmente, caído no esquecimento, como fantasias dos seus primeiros anos de político, e só ocasionalmente seus críticos os recordariam a uma nação indignada. Seis anos e meio separaram Hitler desse renome. Certamente, apenas mediante um fim violento o teria conseguido, pois ele era, por natureza, feito para a destruição, inclusive a de sua própria pessoa. Mas bem perto, de qualquer forma, ele chegou. Podemos chamá-lo “grande”?